ANO 8.º | Sexta-feira, 26 de Fevereiro de 1915 | NUMERO 359

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$20
Semestre	$60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

REDACÇAO E ADMINISTRAÇAO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	4 centavos
Comunicados	2 centavos

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Oitavo ano

—=(*)=—

Este jornal, passados que fôram outros 365 dias sobre a sua existencia, entra hoje no seu oitavo ano.

Tendo vivido vida acidentada antes da proclamação da Republica, a cujo ideial deram, os que nele ainda trabalham, o melhor do seu esforço, arrostando com todos os perigos, com todas as perseguições; com insultos e com a má vontade dos monarquicos, sem que jámais da sua parte houvése um unico acto de fraqueza ou de desanimo, é com natural orgulho que hoje recordâmos esse tempo e que, fieis aos principios pelos quaes dedicadamente trabalhámos, nos encontrâmos no mesmo posto de combate, agora acrescido com a circunstancia penosa de termos de expurgar o novo regimen dos elementos deleterios que o comprometem.

A'rdua, mas muito árdua e espinhosa tem sido a nossa missão na imprensa, mórmente depois de 1910 em que o *Democrata* se tem visto obrigado a manter uma atitude, por vezes energica, contra os que parecem apostados em atassalhar as instituições, comprometendo-as a cada passo, desrespeitando-as, colocando-se, emfim, em situação identica á dos monarquicos, como se isso se possa admitir ou sequer tolerar.

Vários teem sido tambem os procéssos postos em prática para nos reduzirem ao silencio, sem que nenhum ainda surtisse o efeito desejado. E' que o *Democrata* tem a apoia-lo, quasi desde o inicio da sua publicação, um avultadissimo numero de amigos, gente honesta que sabe fazer justiça ás nossas intenções, que positivamente não são perseguir ou agravar sistematicamente quem o não merea, mas pugnar porque a dentro deste regimen se respeite a moralidade, se honre e se prestigie a Democracia, base em que assenta todo o progresso duma nacionalidade que quer ser livre, que tem todo o direito a ser respeitada e que por essa mesma razão não póde estar sugeita a toda a casta de vilipendio dos que nasceram da corrupção e da corrupção pretendem viver.

Não. Contra esses temo-nos nós insurgido e já agora é tarde para voltar atraz.

De resto, ainda a semana passada escrevemos sobre a nossa orientação politica, que é a mesma, por não poder ser outra, que tinhamos antes do 5 de Outubro—*acima de todos os homens colocâmos o regimen e acima deste a Patria.*

Nada temos, portanto, a acrescentar a este principio de novo ano ao que por bem definido, duvida alguma póde admitir.

Que todos os bons e leaes republicanos assim o tenham entendido, na certêsa de que o *Democrata* jamais deixará de exercer uma acção moralisadora dentro da Republica com o unico e exclusivo fim de a expurgar daquela especie de partidarios que só a comprometem faltando aos mais rudimentares deveres para com a Patria;

Para esses nem que seja preciso empunar uma duzia de tagantes.

MÁU SINTOMA

Correu em insistencia, chegando o *Seculo* a dar-lhe curso, a noticia da demissão do sr. Nobre da Veiga, governador civil deste distrito.

Atribuiase a resolução de sua ex.ª a desinteligencias com os seus correligionarios que, como se sabe, formam tres grupos, puxando cada qual a braza á sua sardinha...

Dizem-nos, porém, que tudo se compoz e que o sr. Nobre da Veiga fica.

Muito folgâmos porque sendo sua ex.ª um antigo republicano, aqui terá muito que vêr se se conservar mais algum tempo.

O Democrata *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

As eleições

—=(*)=—

O govêrno publicou agora na folha oficial um decreto que de ha tempos andava anunciado e pelo qual as eleições geraes de deputados e senadores, que estavam marcadas pelo Congresso para 7 de Março, ficam adiadas para 6 de Junho em que deverão ser feitas por novos recenseamentos, obdecendo tambem os circulos a profundas alterações conforme os nossos leitores verão pelo mapa que aqui havemos de publicar.

E' este o primeiro acto ditatorial do govêrno Pimenta de Castra, que decérto a opinião republicana não acolherá com benevolencia, antes dará logar a protestos dos que querem viver na legalidade e só nela.

Por mau caminho envereda o sr. Pimenta de Castro. Mas quer assim? Julga, porventura, que só assim póde prestar serviços á Republica? Não lhe gabâmos o gosto.

A ditadura é um acto ilegal, um atropêlo á Constituição e nenhum republicano dos que acima de tudo colocam os principios, a pódem admitir.

E' esta a nossa opinião e concertêsa hade ser a opinião que, no dia 4, na reunião do parlamento, terá o direito de prevalecer manifestada pela bôca dos representantes do país.

PEDEM OS POBRES

E' dever atende-los

Um numeroso grupo de pescadores procurou, ha dias, no seu gabinete, o sr. governador civil do distrito implorando de s. ex.ª a sua valiosa protecção para minorar as dolorosas agruras da existencia que nesta quadra, por todas as razões dificil, está atravessando aquela numerosa e pobre classe.

E' uma triste e dura verdade, tudo quanto a s. ex.ª foi transmitido na parte relativa á situação profundamente angustiosa que atravessam aquelas creaturas, das quaes no misero lar de muitas não ha só fome mas a completa e absoluta necessidade do mais insignificante conforto.

Não é fantasia tal afirmativa—antes fosse—mas simplesmente uma pura e indiscutivel verdade.

Sabemos que s. ex.ª se prontificára a ser, junto do govêrno, o portador da justa reclamação popular, alvitrando, porém, a necessidade de se ouvir a autoridade competente na parte relativa ao desejo mostrado pelos interessados de não ser proíbida a pesca na ria no praso indicado no regulamento.

Ha casos que pódem mais que as leis—é um velho anexim—que não póde ter melhor cabimento do que nesta hora de verdadeira amargura para tantas almas sofredoras, que gémem a sua profunda miseria entre ae núas paredes do seu tugurio.

Além da excepcionalidade do momento, é, sem duvida, um principio de humanidade aliada á natural missão da autoridade superior do distrito, envidar todos os esforços, e encaminhar todas as vontades que superintendam na situação, para que dá bôa vontade de todos resulte o beneficio e o auxilio que por principio algum se póde descurar ou evitar aos que, sem desrespeito por ninguem, pedem para lhes minorar a situação.

Quem melhor que autoridade se ela a si propria avocasse tão caritativa procuradoria, vencendo, com o valor e prestigio da sua individualidade, as dificuldades que encontrasse, os espinhos que se erguessem?

As palavras doridas de tantos desgraçados, não pódem fenecer nos gabinetes por onde eles, chorando as suas miserias, descrevem as suas dôres; assim como a situação não é de molde a modificar-se por qualquer intervenção que não seja o emprego imediato de medidas tendentes a atenuar este estado de cousas que por principio algum póde ser posto de remissa.

Ao lado dos numerosos necessitados, aos quaes reconhecemos inteira justiça e indiscutivel razão, porque muito de perto sabemos das suas tristissimas misérias, solicitamos tambem que lhes seja dispensada a protecção e o auxilio pedidos, o que por todos os motivos se impõe pela excepcionalidade da ocasião.

Amplie o sr. governador civil a sua promessa, não sendo sómente o portador da justissima reclamação popular, mas tambem o devotado protector do seu deferimento pelos poderes superiores e competentes.

E se conseguir beneficiar os pobres creia que presta a esta região um altissimo serviço.

O adiamento da proíbição da pesca pouco ou nenhum mal fará á produção e existencia do peixe. O que existia saíu para o mar levado nas grandes vazantes que as constantes cheias tem produzido.

Como medida preventiva e absolutamente indispensavel bastaria uma rigorosa fiscalisação na sua venda, como em tempos proficuamente foi adoptado.

Mas seja, porém, como fôr—os pobres pedem e é preciso atende-los.

Por justiça, por dever e por humanidade!

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

A aglomeração de original nas ultimas semanas tem-nos forçado a reter a narrativa da conspiração de 1913, que ainda não é possivel hoje continuar, do que pedimos desculpa aos muitos leitores a quem interessa.

Egualmente nos ficam outros originais, que não perdem a oportunidade, esperando nós que nos seja relevada a falta em atenção ao curto espaço de que vimos dispondo.

Um atentado

—=(*)=—

A vida do sr. dr. Afonso Costa mais uma vez esteve em perigo no domingo á noite.

Embarcava sua ex.ª no Porto, onde fôra tratar de assuntos profissionaes, quando um malvado, acercando-se da carruagem do *rapido*, em que o chefe democratico se achava instalado a arrumar umas malas, contra ele desfechou dois tiros de revolver, que, felizmente, lhe não acertaram.

Chama-se o autor do atentado José Francisco da Silva Junior, tem apenas 14 anos, é filho de José Francisco da Silva atualmente preso na cadeia da Relação á ordem do quartel general por ter sido um dos implicados na colocação de bombas explosivas na linha ferrea, frequentava a Escola Elementar do Comercio e é socio da Juventude Catolica, circunstancia esta bastante para aclarar quaesquer duvidas que possam subsistir sobre o mobil do crime. Foi preso e recolheu á Tutoría da Infancia até que se forme o procésso pela autoridade competente.

O audacioso gesto do garotelho, em cujo cerebro germina o virus da seita negra, a seita maldita contra a qual os liberaes teem obrigação de cerrar fileiras para que ela não avance e domine, esmagando-nos, fez, como é natural, a maior sensação em todo o país, do que resultou serem enviadas para Lisboa, ao sr. Afonso Costa milhares de felicitações por ter saído incolume do atentado.

O *Democrata* associa-se a essa prova de afecto de que está sendo alvo o insigne estadista.

Sertorio Afonso

Fez no domingo cinco anos que o partido republicano de Aveiro perdeu este dedicadissimo correligionario, cuja morte foi por todos deplorada com profundo sentimento.

Para comemorar a triste data enviou-nos o sr. José Ferreira Pinto Junior, do Porto, a quantia de 2$50 destinada aos pobres do *Democrata* e que foi distribuida da seguinte maneira: Antonio dos Santos Alves, rua do Carmo, $50; Tereza Maia, rua da Arrochela, $20; Adelaide Vilaça, rua da Corredoura, $20; Violanta de Jesus, idem, $20; E. do Egidio, rua de S. Gonçalinho, $50; Inocencia Pitarma, rua Miguel Bombarda, $20; Maria Rosa Rebelo, idem, $20; Maria Janeira, rua do Jardim, $20 e Feliciana Pereira, rua do Carril, $30.

Em nome dos contemplados, a expressão do nosso reconhecimento ao generoso bemfeitor.

* * *

Escritas estas linhas sobre Sertorio Afonso, lembra-nos que passa tambem depois de ámanhã o quarto aniversário do falecimento do malogrado moço que se chamou Augusto de Brito.

Recordando esse dia de profunda amargura para quantos, como nós, conheciam a alma do esperançoso estudante, aqui mais uma vez significâmos a toda a sua familia o sentimento que a lugubre data em nós desperta.

A cambada monarquica em fóco

Como Alpoim, o eterno comediante politico, se expressava em conferencias com o rei deposto

Veio agora a publico um livro que, pela sensação que tem causado e pela maneira como tem sido apreciado pelos que se dizem monarquicos, não ha duvida que era necessario que aparecesse visto tratar-se do conhecimento de factos politicos que a historia tem de tomar na devida conta e ao país interessa como obra de luz e de ensinamento, que não póde nem deve ser-lhe indiferente.

Já os nossos leitores sabem ao que nos referimos. Referimo-nos ao famoso volume—*Documentos politicos*—onde se encerram, coligidos, os documentos encontrados nos paços reais após a revolução de Outubro e que, por proposta do falecido deputado dr. Eduardo de Abreu, a Assembleia Nacional Constituinte votou que uma comissão se encarregasse de os compilar e publicar logo que o primeiro trabalho estivesse concluido.

Esses documentos são, pela amostra que dêles vamos dar, dum alto valor e dizem eloquentemente até que ponto havia chegado a desmoralisação da monarquia em Portugal. Além disso teem ainda o condão de biografarem, á maravilha, cértos homens, cuja psicologia não anda muito afastada da do bojudo *conselheiro* Alpoim, se bem que este sobreleve a todos em impostura, em falsidade, em processos, para se impôr á consideração daqueles a quem por diversas vezes, e nomeadamente, por ocasião do 28 de Janeiro de 1908, havia traído. Daquêles, queremos nós dizer, do rei e da familia que o sr. Alpoim abandonava quando as coisas lhe não corriam de feição para se juntar aos republicanos, deixando de novo estes logo que lhe acenavam do paço a cujos inquilinos ia dizer, secretamente, o peor mal, chegando-nos a alcunhar de *degenerados moraes, cafila de ladrões e malandros*, como lhe é atribuido por D. Manuel numa das conversas que teve com esse monarca.

Ah! José de Alpoim, José de Alpoim! Liberal duma figa, democrata sem convicções, camaleão emerito, insigne comediante, vaidoso, ôdre de ambições: como a Republica, finalmente, te desmascarou. A ti e aos teus companheiros. A ti e aos que por todas as fórmas pretendiam perder a nacionalidade, imiscuindo-se nas mais tôrpes intrigas para sustentar um trôno já carcomido e sem alicerces que o aguentassem!

Definiram-te, conselheiro: és um intrujão. Uma creatura com talento, sim, mas um intrujão, um pantomimeiro, um acrobata de feira cuja cotação politica está longe de merecer o respeito e a confiança que o famigerado correspondente do *Janeiro* quer que se lhe vote.

Sem tirar nem pôr, Alpoim casa-se perfeitissimamente com os *pardos* da Vera-Cruz e todos com aquêle célebre comandante, que foi, da Guarda Fiscal, Matos Cordeiro.

As próvas!? Seriam o bastante estas se mais não houvésse e que constam do livro dos registos de D. Manuel, que diz assim, escrito pelo seu proprio punho:

Conferencia com o conselheiro José Maria de Alpoim—Notas—Paço da Pena, Cintra, a 2—9—199.

«Largamente falou da questão politica. Disse-me que ajudaria o govêrno com toda a bôa vontade. Disse-me muito mal do Julio de Vilhena como sempre. Devo contudo, aqui fazer um áparte com respeito a uma outra conferencia que em tempo tive com o Conselheiro Alpoim. Foi durante a Crise Ministerial da quéda do ministério presidido pelo Conselheiro Sebastião Téles. Estava o Alpoim falando do Julio de Vilhena e dizendo dêle muito mal: chegou a um ponto e disse-me:

—Meu Senhor, nós já não podemos com o Julio de Vilhena; precisamos de outro chefe; Vossa Magestade escolha-nos um novo chefe.

—Néssa não caírei eu, respondi.

Principio então a enumerar nomes: Teixeira de Souza, Antonio de Azevedo, Alpoim, P. Pinto, dizendo razões pelas quais não podiam ser. Percebi perfeitamente que ele queria que eu indicasse o nome do Wenceslau de Lima: mas não o fiz. Ele então o disse dizendo que sería o melhor. Achei necessario pôr aqui esta nota de outra conferencia, porque como estão querendo pôr de parte o Julio de Vilhena, e o P. Pinto sobretudo e Alpoim tambem querem o Wenceslau, havendo apenas resistencia pequena segundo creio do Teixeira de Souza, *achei necessario registar esta antiga declaração.*

Contei-lhe então o que o J. de Vilhena me tinha dito a seu respeito e dos seus amigos. Ficou atonito. E começou a fazer comentarios muito desagradaveis para o Julio. Continuando ainda a falar sobre a politica disse:

—Meu Senhor eu não quero ser ministro, a unica cousa em que podia pensar era ser Presidente do Conselho, mas se tal pedisse ou quizésse era um amigo desleal e indigno de Vossa Magestade. A unica cousa que eu quero é encontrar uma colocação para os meus amigos, *e depois não quero mais nada!* Vou lá para fóra se assim fôr conveniente. Mas o Julio de Vilhena *não póde* ser Presidente do Conselho, porque não tem ninguem comsigo senão, Pereira de

Lima, Zeferino Candido, Claro da Rica, que **são l adrões.** Eu tenho gente de valôr, alguns com tendencias demais avançadas: (Pedro Martins): o Pinto dos Santos é monarquico convicto: **o Ribeira Brava é um canalha de primeira ordem; por dinheiro mata ou vende, até a propria familia:** posso *assegurar* a V. Magestade que os filhos do Ribeira Brava, não entraram na tragedia do 1.º de Fevereiro! Meu Senhor direi tambem se os politicos monarquicos serão máus, os republicanos são **degenerados morais, uma cafila de ladrões e malandros.**

Declarou-me que era monarquico, e que, quando houvésse o choque (inevitavel, segundo diz) entre republicanos e monarquicos, então veriam se êle era monarquico ou republicano. Perguntei-lhe então porque se não desligava completamente dos republicanos. Respondeu:

—Os monarquicos não fazem senão escorraçar-me e dizerem de mim todas as infamias, não me quero pôr mal com todos!

Com respeito á questão religiosa disse-me que êles (padres) lhe haviam pagar tudo o que disséram dele e fizeram contra ele.

—Atè disséram, meu Senhor, disse com grande exaltação, que fui eu que matei El-Rei D. Carlos!!! Hão de m'o pagar, hão de m'o pagar, dizia.

Parece-me contudo que a questão religiosa não irá muito por deante, pois o Alpoim prometeu-me que faria o seu possivel para que a questão não fôsse ávante, contudo disse me que a bala estava atirada e que seria dificil sustel-a. Disse-me ainda que Lisboa era uma cidade revolucionaria, que o choque entre monarquicos e republicanos era inevitavel, apezar das grandes divergencias existentes entre estes e que estava cérto que os monarquicos haviam dé vencer. Pareceu-me com ideias acertadas e com vontade de ficar quieto. Parece-me que com diplomacia e tacto se póde conseguir muito deste homem.»

Manuel—R.

P. S.—Uma declaração que não deve esquecer e que é muito curiosa! Disse-me: o ministro da justiça Francisco José de Medeiros é um homem de muito valôr, mas é absolutamente doido: é um evadido de Rilhafoles!

Aqui está no que se cifra o republicanismo do conselheiro Alpoim, o *revolucionario* de 28 de Janeiro, como ele tem o desplante de se inculcar!

Querem-no mais completo? Poderá ainda oferecer duvidas aos republicanos a incoerencia e a desonestidade politica do velho e *loiro* histrião?

Que responda quem da sua cronica ainda é sabedor de mais.

Autoridades

Foram nomeados mais os seguictes administradores para os concelhos deste distrito: Agueda, Alexandre Coelho; Estarreja, dr. Artur Marques Figueira; Mealhada, Alvaro Marques Machado e Albergaria-a-Velha, Manuel Calvet de Magalhães.

Para Aveiro indigita-se o tenente da administração militar, sr. Carlos Gomes Teixeira, um dos mais cotados membros do evolucionismo local, sem que com a classificação queirâmos tirar a primasia ao outro que tem todo o direito a éla pela semelhança.

Segundo nos consta foi já para o govêrno a proposta de nomeação do sr. tenente Teixeira, restando apenas que lhe não suceda como sucedeu ao sr. Manuel de Souza e Brito, a quem, por ser recebedor, não foi concedida licença para administrar Arouca.

E esperemos pelo resto.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

O que é a confissão

A confissão é a devassa da alma humana, feita pelo delegado do Pápa, quer ele traga barba inculta, o borél ensebado e os pés sujos metidos em sandalias, quer traga com a elegancia dum *snob* a sotaina preta sem uma só mancha, a cabeça coberta com um chapeu de abas largas e os pés metidos em sapatos de polimento, deixando vêr a meia rôxa.

A confissão é a base da Egreja romana moderna, é a arma de combate com que o Pápa e o seu exercito negro de abutres domina a mulher, domina o lar, domina a sociedade, domina a nação, domina o mundo. Ela não existia nos tempos primitivos da Egreja romana. Ela não foi aconselhada pelos livros sagrados da religião catolica, não foi estabelecida por Jezus, o dôce rabino da Judéa.

Não. A confissão foi-se intrometendo aos poucos, gradualmente, e tomou grande incremento quando começou a ser retribuida, nos primeiros tempos da Igreja, com uma moeda apenas. Mais tarde a cubiça lembrou ao clero romano as insinuações *in extremis* para que, nessa hora soléne, os seus sacerdotes exigissem dos seus confessados o legado de suas fortunas aos seus conventos ou igrejas.

Estava dado o primeiro impulso e nesse plano inclinado foi tão veloz a carreira, que eles chegaram, esses caixeiros da Santa Sé, aos escandalos mais desbragados.

Entretanto a confissão ainda por outro lado veio ser um verdadeiro flagelo para a sociedade profana. Foi isso quando o talento superior, mas perverso, dum homem isolado da sociedade e côxo, teve a ousadia suficiente para planejar o dominio da terra e conseguir, á força de perseverança e de energia, e escudado nas doutrinas diabolicas, que imaginára dirigir os destinos dos povos do canto obscuro duma céla.

Foi Inacio de Loiola, o tristemente célebre fundador da Companhia de Jezus, que ampliou a confissão auricular, tornando-a não só um negocio rendoso mas um verdadeiro pelourinho das consciencias, por meio do qual ele sabia tudo quanto se passava nos povos civilisados. E ninguem cértamente ignora o dominio funesto que dentro em pouco tempo ganhou no espirito publico a funesta Companhia que fez do representante de S. Pedro um verdadeiro automato, um tésta de ferro, que se move á vontade do chefe ignorado dessa perniciosa companhia.

E' a confissão que leva as riquezas enormes para os cofres das associações religiosas, para os cofres do Vaticano, logares em que a orgia de Sodoma e de Gomorra teria pejo de frequentar.

Pela confissão sabe o padre as menores acções das diversas pessoas das familias de suas confessadas e, senhores de misterios que não deviam conhecer, seguros do caminho que vão percorrer, atiram-se ás práticas, as mais iniquas, mentindo ao seu sacerdocio, mentindo ao seu Deus.

São geralmente conhecidos os factos de fortunas colossaes testadas em favor de igrejas, de conventos ou de instituições religiosas, por moribundos, incapazes de qualquer acção intelectual, a quem o confessor *in extremis* empresta declarações favoraveis a si.

E' caso vulgar o vêr-se uma senhora rica, de bôa reputação, excelente mãe, esposa exemplar, deixar deserto o seu lar, esquecer os seus deveres domesticos, para seguir hora por hora, minuto por minuto, os passos e as ordens do seu confessor.

Quantas moças inexperientes, filhas de familias abastadas, não teem feito o seu voto perpetuo de castidade em um convento depois duma catequese cuidadosa na misteriosa entrevista da sua confissão?!

Quantas moças, amantes e fieis esposas, se não teem pervertido, manchando de todo a purêsa angelica das suas almas, pélos conselhos e pelas insinuações tôrpes da confissão?!

Quantos lares não jazem abandonados e tristes, quantos ninhos de amor não se desfizéram ao sôpro desse *simoun* imperceptivel que levanta a sociedade mansamente, docemente, na sombra pacifica e beata da confissão?!

A confissão é inimiga da liberdade social pela tutela que estabelece sobre os seus membros por parte do clero catolico.

Ela chega a conhecer os mais secretos pensamentos que o cerebro humano póde gerar, ainda que a esse conhecimento se oponha o natural pudor, sentimento ináto em qualquer individuo da nossa especie.

Ela despe a alma humana, roupagem toda, peça por peça, e expõe-a inteiramente nua aos olhos dum individuo em geral mais pervertido do que os miseraveis que se fazem traficantes de carne humana e expõem nos bordeis, á lasciva brutal dos depravados, as mulheres cuja castidade poluiram com o fim ganancioso dum comercio imoral!

Ela nulifica a persunalidade do pae, o direito do marido, o respeito do filho, colocando acima do patrio poder, acima do direito marital, acima do afecto de filho, a vontade absoluta, ilegal, imoral e desonesta dum miseravel libertino!

Ela tira dos braços maternaes, em cujo amor puro e consolador se abrigava a donzela inocente e casta, e atira-a covardemente á depravação e ao vicio em nome de Deus e do Pápa!

E' por isso, por todas estas razões e muitas mais que nos ficam ainda por dizer, é por isso, repetimos, que, enquanto no recanto obscuro das naves, nas entrevistas misteriosas dos confessionarios os delegados do Pápa e os escravos de Loiola desmentirem as palavras de amor, de fraternidade, de igualdade, que nos legou o seculo XIX, recebendo a tranquilidade dos homens, a hanestidade da mulher, os bens da sociedade e a vontade dos povos, nós havemos de proclamar alto a Verdade em oposição á mentira religiosa, ao suborno, á devassidão e ao crime do padre manhoso e hipocrita, do falso ministro de Deus, que tudo polue, tudo altera, tudo corrompe, absorvido pela ideia de dominar, como se isso se lhe pudésse consentir ou alguem, de consciencia livre, lho pudésse impunemente, tolerar.

Não. E' preciso que se diga e mórmente nesta época a que eles chamam *quaresmal*, para que serve isso que apelidam de confissão, o valor que ela tem, o que significa e quaes as suas vantagens, porque é tempo e mais que tempo de arrancar de vez ao abscurantismo a consciencia humana.

Mãos á obra.

CARTA

—(*)—

...Sr. Redactor:

Insere o jornal de V. um anuncio de um dentista que, confessando claramente o seu nome apagado, se diz tambem conhecido pelo nome de **Candido Milheiro** *ou* **sobrinho do Milheiro**, *para assim chamar a atenção para a sua pessoa e confundir-se comigo, por saber que são numerosos os meus clientes nessa cidade.*

Ele soube que eu estava para abrir consultorio dentario em Aveiro, e antecipou-se a, em segredo, arranjar casa e a anunciar-se duma maneira, embora inconscientemente honrosa para mim, com a intenção de provocar confusões. Que esse sr. falte aos seus compromissos moraes e materiaes tomados comigo, quando esfomeado e andrajosamente se acoitava em minha casa a utilisar-se da minha mesa e da minha bolsa, vá; mas querer continuamente prejudicar o nome de quem com muito sacrificio o levantou, não, sr. Redactor.

Eu vou dentro em breve prestar os serviços do meu mister no antigo consultorio do meu Ex.mo colega e amigo sr. Teofilo Reis, e não quero de forma alguma confundidos os nossos nomes e pessoas, como inconfundiveis são as nossas competencias profissionais e as nossas moraes e reciprocas condutas.

Confiado em que V. fará inserir no seu jornal esta minha carta, subscrevo-me com consideração,

De V. etc.

Espinho, 25—2—15.

Alberto Augusto Dias Milheiro.

FESTA ACADEMICA

O 55.º aniversario do liceu de Aveiro

Brilhante comemoração

Sem espalhafatosos reclames, mesmo sem convites especiaes, que não foram feitos, os alunos e o professorado do nosso liceu levou no domingo a efeito uma festa que deixou em todos quantos a ela assistiram perduraveis recordações, sendo até para lamentar tanta modestia na comemoração dum acontecimento que, afinal, a toda a cidade interessava.

Tratou-se de festejar nesse dia o 55.º aniversario da instalação do liceu em edificio proprio, construido a instancias do ilustre filho desta terra, José Estevam Coelho de Magalhães, e de tal modo se houve a academia em imprimir-lhe o maior brilho, que, com toda a a franqueza o dizemos, reputamo-la como uma das primeiras que naquela casa de educação e ensino se tem efectuado.

O espectaculo, que na vespera se realisou, revertendo o produto em beneficio da Caixa Escolar e no qual tomaram parte, entre outros, os estudantes Jorge de Carvalho, Miguel Santiago, Rodolfo de Carvalho, Herculano de Oliveira, Carlos Costa, Licinio Souto, Guilherme Lopes, Seabra Coelho, Carvalho Santos e as gentis academicas D. Herminia Dias Lima e D. Branca de Carvalho, se não foi a parte principal da festa, revestiu, contudo, o caracter puramente academico que lhe deu o grupo que o levou a efeito, obtendo fartos aplausos.

Na manhã de domingo foram os estudantes depôr no tumulo de José Estevam uma grande corôa de flôres e pelas 13 horas dava se principio na sala da biblioteca do liceu, devidamente ornamentada, á sessão soléne, vendo-se os logares todos tomados por alunos, algumas familias destes e encarregados da sua educação, que os academicos ali haviam atraído em conformidade com o aviso nesse sentido colocado no atrio do edificio.

Presidiu o digno reitor sr. dr. Alvaro de Moura, a quem o liceu tantos beneficios deve em melhoramentos, o qual, dirigindo-se á assembleia, onde tambem se encontram quasi todos os professores, faz a historia do liceu, cujo aniversario se estava comemorando, e que nem por ser uma festa restrita, singéla, deixava de ter uma alta significação e merecimento pela homenagem que com ela se prestava ao maior vulto de Portugal, filho querido desta risonha cidade, a quem se deve, em exclusivo, a obra com que foi dotada, o grandioso melhoramento que tanto tem contribuido para o desenvolvimento da instrução, para a cultura intelectual, para o progresso desta terra, enfim.

Alude aos documentos que dizem respeito aos primitivos tempos do liceu, com data de 1860, alguns dos quaes lê, e por ultimo agradece aos presentes a sua comparencia á festa com que a academia se honra porque é rememorar o passado, gravar uma data que não deve ser esquecida nem posta de parte.

Ao sr. dr. Alvaro de Moura é dispensada no final do seu discurso uma calorosa salva de palmas, seguindo-se-lhe no uso da palavra o academico Americo Gomes de Andrade e Oliveira, do 4.º ano, que, com toda a correcção, assim se exprime:

Sr. Presidente, meus respeitaveis professores, minhas senhoras e meus senhores:

Desejando colaborar com a minha palavra desajeitada e debil, nesta simpatica e edificante comemoração do 55.º aniversario da fundação deste liceu, eu deveria ter a prudencia, aliaz elementar, de não empanar o brilho desta festa com a real insuficiencia dos meus dotes, se esse desejo não fosse até cérto ponto como que uma imposição da minha consciencia, que me cumpre acatar.

Confiado, porém, na generosa benevolencia de V. Ex.as que, claro está, não pódem esperar de mim um discurso alevantado e conceituoso, mas tão sómente meia duzia de palavras afastadas de todos os preceitos da arte, eu conto que V. Ex.as incluirão no seu perdão, a licença para a minha ousadia.

Meus senhores: A comemoração do 55.º aniversario deste Liceu faz-nos evocar á mente o nome daquele a quem se deve a fundação deste edificio, e sobre cujo tumulo, ainda esta manhã, com piedosa romagem, fômos nós, os academicos deste liceu, depositar uma corôa de flores, divida da nossa gratidão—José Estevam Coelho de Magalhães.

Quem foi José Estevam Coelho de Magalhães? Todos o sabem, não ha português que o ignore: foi o tribuno mais empolgante da nossa historia parlamentar.

Orador fluente, elegante e primoroso, ele foi, sobre tudo, um apostolo da liberdade, dessa liberdade, cujo amôr lhe abrazava o coração diamantino, dessa liberdade a cujo triunfo ele devotou toda a mascula energia da sua alma. Por ela se bateu, por ela sofreu; e em ter sofrido pela causa que apostolisou, é que está quanto e mim, meus senhores, o segredo dos seus triunfos oratorios. Porque, V. Ex.as bem veem: o orador póde ser talentoso e artista, mas, se as palavras lhe não brotarem do fundo da alma, quentes como a lava de um vulcão, ele nunca se erguerá á altura dos grandes religionários, dominador, triunfante e supremo; será orador que agrade, mas não será nunca apostolo e guia das multidões.

E o sofrimento por uma ideia é o cadinho que a aquece e funde tornando-a comunicativa, alastrante e avassalaradôra.

Se não fôra assim, como se explicaria então a indiferença, a frieza até, com que nós lêmos os discursos de José Estevam?! Os pensamentos e as palavras que os fizéram passar á imortalidade como gigantes da tribuna, estão exarados ali com toda a sua roupagem de tropos e de figuras. Porque não nos sentimos então, erguer ao lê-los num repelão de entusiasmo, como os seus contemporaneos, que tivéram a dita de os ouvir?

Ah! é que a grafia dum discurso tem qualquer coisa de semelhante a um corpo sem vida.

Tudo falta ali: o gesto que rebustece a ideia, e o aprumo que revela crença, mas, sobre tudo, o calor, a alma, a vida, o sentimento, que só póde ser intenso a valer nos que muito sofreram pela causa que apostolizaram.

E José Estevam Coelho de Magalhães sofreu pela causa da Liberdade, que é ao mesmo tempo a causa do Progresso e da Honra da nossa Patria; sofreu as agruras do exilio, sofreu os perigos e trabalhos de campanha, e—o que é tudo—sofreu por vezes a ingratidão dos homens, que—invejosos!—não podendo suplantar-lhe nem igualar-lhe o altaneiro vôo, pretenderam prender-lhe as potentes azas de aguia na rêde traiçoeira e vil de intrigas e de desgostos.

Mas não ha dique capaz de fazer parar a corrente impetuosa do Mississipi, nem ha meio de fazer calar o ribombar paveroso do trovão na escuridão da tempestade que passa; e a eloquencia esmagadora do tribuno continuou, apesar de tudo, a trovejar sobre as negruras do seu tempo aureolada por um clarão de prestigio semelhante á sarça ardente mas incombustivel de Jahovah no Sinay.

A memoria de José Estevam perpetua-se ainda atravez dos nossos dias.

A sua estatua, que a temos aí no largo fronteiro a este edificio, é para todos e sobre tudo, para nós, meus companheiros de trabalho, um exemplo de quanto póde o labor aliado á força de vontade.

José Estevam apostolisou o bem pela sua Patria.

José Estevam apostolisou a instrução pela terra do seu berço.

José Estevam é para nós, filhos da mesma Patria, um exemplo e uma lição.

No dia 21 de Outubro de 1866 foi inaugurado nesta mesma sala, onde nos encontrâmos reunidos, aquele retrato de José Estevam.

E, quero crêr, que fosse esse o primeiro monumento erigido á memoria do grande tribuno.

Cabe essa honra aos academicos deste Liceu que, gratos aos beneficios que receberam deste homem insigne, quizéram mostrar á posterioridade que a memoria de José Estevam deve ser imorredoura no coração dos seus conterraneos.

E disse.

As ultimas palavras do orador são acolhidas com intensos aplausos, recebendo Andrade e Oliveira as felicitações do professorado e amigos, porque realmente produziu um discurso que a todos encantou, indistintamente.

A seguir usa da palavra o academico Herculano de Oliveira, do 5.º ano, que diz:

Minhas senhoras
Meus senhores

O melhor reflexo, o mais intenso e vivo, do viver dum povo está na sua literatura.

O espirito obra e constroe sob a base inicial do seu sentir. O pensamento sóbe e intensifica-se: e este conjunto adelgaça-se, subtilisa-se quando nele penetrarmos aquilo que a psicologia social chama a alma nacional. As literaturas são, por isso, os documentos dos povos. Por eles a fé e os desalentos se revelam; os sentimentos transparecem; as grandezas se ostentam: a literatura é o viver social e cada geração testamenta-se entre a geração vindoira com o progresso, a fixidez ou a decadencia dos seus ideais, as anciedades da vida ou toda a derrocada dos seus sonhos mortos. Eis, senhoras e senhores, o significado das literaturas. Desde o balbuciar ingenuo, simplista e sincéro até áquela expressão de vida em que o povo vitalisa o seu esforço sob os designios misteriosos do seu destino, as literaturas são os traços, as trajectorias inflexiveis da sua alma. Eis porque escolhi este têma. Falar-vos-hei do nosso povo, falando-vos da nossa literatura. Porque, cértamente, a nossa terra foi aquela em que mais estreitamente tem convivido, a espada e a penna, o arrojo e o genio triunfais do vigor e heroismo. Esperancemos. Vivâmos um pouco do passado, que as saudades fazem desejos e retemperam. E, sobre tudo, não façâmos já das nossas letras o epitafio das nossas energias.

Minhas senhoras e meus *senhores*: Eu disse ha pouco e Taine preceitua-o, que as literaturas são o documento do viver social dos povos. Claramente; o povo foi sempre o autor anonimo, genial, de uma epopêa imensa que lhe esvoaça os lábios e aquece a alma: um sentir unanime, uma aspiração geral, intensa, que faz do pensamento uma *alucinação mistica*, na frase perfeita do critico que acabo de citar-vos.

As condições éticas, o territorio, a situação criaram em nós a raça aventureira. Desde o inicio, que a aspiração nos fadou. A patria surgiu desta aspiração. As ideias de independencia, o esforço marcante de perfeição cresceram com a fé e as energias da nossa alma. São elementos que vou tentar desenvolver; mas para o sonho, a nossa terra foi pequena. Nós sonhamos alguma coisa de grande, além da nossa Patria. Pela aspiração surgimos, como isse; pelo sonho glorificamos a nossa terra; porque a acção das descobertas não foi apenas o nosso orgulho e os nossos loiros: foi tambem a Gloria suprema, simbolisada no povo português.

Eis aqui tambem o caminho das nossas letras. Eu lobrigo ainda, nas nevoas do passado, a esses apostolos da nossa missão. Romantica, os olhos postos na Patria e no Amor, são legião de trovEiros sonhadores, foram os semeteiros da nossa esperança.

Acharam á vida o sentido que ela lhe inspirava. E celebraram aquele primitivo sentimento de expansão nas suas liras—que era já o anceio do nosso triunfo. Tal devia ser o nosso futuro. E' isso o que podemos concluir, porque os periodos da dinastia afonsina são a gradual concretisação das ideias do povo e lhe acordam sucessivamente a consciencia do dever. Nós partimos de Ourique para Aljubarrota pelo caminho de 2 seculos e atravez esta marcha a nossa fé não desfaleceu porque caminhámos para a noção de nós proprios. Era o progresso da raça, num mesmo principio de liberdade. Nun'Alvares e Fernão Lopes marcam a primeira tape duma existencia e são a comunhão duma patria e duma literatura. Começa, agora, o principio do nosso sonho.

Quando a ideia-mater se expadiu aos limites do possivel, começa aí a projectar-se para além de Portugal o reflexo do nosso esforço, das nossas aventuras. As descobertas universalisam os nossos fins: a Renascença imortaliza e intégra na Humanidade a nossa via e a heroicidade do nosso destino.

Examinemos um pouco. No quadro social-literario da época estuam os mesmos fremitos de heroismo e de alma juvenil dos herois da Helada. A acção expandia-se sob o influxo do seu genio. O entusiasmo, a necessidade de novo esforço fazem do nosso pensar, já grandioso e epico, um delirio supremo da vitoria e arremessou-nos até ao Oriente. Foi o momento da composição dos Luziadas. Os genios, dissêra Junueiro, combinaram um dia reunir-se e o lugar escolhido foi a cabeça de *Vitor Hugo*. Eu aceito, senhoras e *senhores*, o pensamento do poeta.

Tenho eu muita admiração áquele assombro da moderna França. Mas permito-mo veltar ao nosso Interprete e ao nosso simbolo para, parafraseando o poeta, concluir: que todas as figuras da Historia que a Dôr humanisou aqueles que heroismo divinisou, e todas as outras que o Amôr engrandeceu se congregaram tambem para fundi-se nesse relampago de videncia de Amor e de virtudes heroicas que foi Luiz de Camões. Acreditei sempre que a nossa patria viverá pelo esforço deste filho. Vou mais longe. Explico-me talvez com o seu livro e a sua espada a mão que os herois de 1640 nos libertaram. Com efeito, Camões é um povo e uma literatura uma patria. São os seculos que lhe esculpem a figura e lhe desenham a grandeza do genio. São eles mesmos que o completam pela justiça e como tudo progride segundo o merito da sua obra esses mesmos seculos decorridos e futuros, lhe estão formando a Eternidade. Os Luziadas são o livro da nossa fé e da nossa esperança. Está aí condensado o nosso sonho, o sonho dum povo que sonhára uma obra de luz gigantea que realisou sobre as ondas do mar. Este fôra, disse-nos, o momento da composição dos Luziadas, e fôra tambem o momento extremo da nossa grandeza.

Ponderar a vida que seguimos de futuro é, creio bem, considerar a propria vergonha de que nos cobrimos. Nós deixámos morrer Camões entre as paredes frias dum hospital precisamente quando já a tragédia nacional pairava sobre nós, e o proprio Camões mor-

ria para morrer português. Nós esquecemos o que foramos. Considerámos o presente, sem curar do passado nem do futuro e a nossa vida extinguiu-se.

São factos bem conhecidos e bem sugestivos em que o nosso amor patrio experimentou já o amargo do vilipenpio. E para as letras o que foramos? Outro tanto, senhoras e senhores. Se a razão se vendera, o coração pendeu-se. Para o futuro, no espaço de 60 anos seculares, o rouxinol do Bérnardim, que é a mais perfeita imagem da nossa saudade, não mais devia resurgír para voltar ao cantar.

A arte ia pela arte. Conheceis bem a expressão. E' que, se arte tinha sido, a verdade da vida real com esta vai esconder-se na Mentira. E foi isto o acontecido desde o nosso dever falseado até ás artes ludibriadas, é simplesmente a nossa Mentira macerada que nos domina. O sentimento, se florisse, escondia-se. Pesava sobre nós a opressão. Pesava sobre a literatura a gavia da Inquisição. Oprimia-nos o desdem dos Filipes; respirava-se, enfim, senhores, a tirania. O raro disto estava em nós gradualmente despertamos; a rivalidade exaspera-nos. Ela nos trouxe a consciencia do que eramos. Vamos surgir para um viver enfadonho que o organismo da nação mal suporta. A doença aniquilára as nossas energias. O esforço congregado das academias e mais tarde das Arcadias viu o mesmo insucesso tedioso. Vai ao passado inventariar grandezas e contentam-se com sabê-las, com apregoa-las até, sem o decôro e a vergonha do que representava a nossa quéda. O espirito desnorteara-se. As formulas rudes e pesadas da contrafação permanecéram. E' neste desiquilibrio sobresaltado, morbido, que a existencia da nação se arrasta, automata e ao mesmo tempo tragica.

Estamos agora no seculo desanove. A França produzia então aquele movimento que na historia da Humanidade chega a parecer loucura e, todavia, é a Revolta contra a imobilidade do progresso.

A Revolta afasta de mim fins politicos—agitou almas, mas de corpos já gastos. Nova fase de vida se enceta. Procuramos ligar o presente ao passado com a visão deste.

E' isto o que significa a obra de Garrett.

Nacionalisamos a conduta, queremos definir um sistema vital e reagimos contra a apatía desta existencia. E sob a pequenez das coisas um Herculano interroga a vida, procura iludi-la e depois isola-se para morrer. Fundamentalmente a existencia é a mesma. Quando a fé nos foge e a fé da vida impalidece, procuramos o ideal, sonhamos a seismar sempre com o mesmo gesto contrafeito, e a amargura ironica vincando a face. Pela liberdade viveramos. Com ela queremos, sem o conseguir, resgatar-nos! Porque o primeiro assomo devia partir do espirito e o espirito cançára-se. A unidade nacional quebrára-se. Formada na alma do povo, rompe-se, aniquila-se, porque o povo a ignora. E' porque a nossa vida se dispersa e desagrega, as energias se apagam. Tal foi a literatura de ontem e tal devia ser a de hoje.

O idealismo encheu-nos dum sonho vão, *incorporio*. A aspiração era o nada do nosso viver, a florescencia efemera duma arvore exangue.

Vamos depois analisar-nos, apegarnos ao cadaver de nós mesmos e isso chamamos-lhe o *Rialismo*, que é a curiosidade morbida do doente. Porque nós não anciamos a vida, mas a morte que nos espera. E' o vacuo imenso que nos rodeia, que nos oprime o espirito, que o espesinha e o recalca no abismo do seu nada. Só pelo alento vitalisante e fecundo duma vida sã nós voltaremos a ser o que eramos.

E do passado nos veio ainda o alento que nos iluminará o espirito.

Herculano de Oliveira é tambem muito ovacionado, seguindo-se-lhe os srs. Antonio Seabra Coelho e Mario de Albuquerque, ambos egualmente alunos do 5.º ano e cujos discursos nos não é possivel hoje dar, nem em extracto, pela escassez de espaço com que lutámos.

Por fim levanta-se o professor sr. Agostinho de Souza a quem a assembleia desde logo dispensa uma quente ovação.

Diz que, correspondendo aos desejos manifestados pelos seus alunos, ia rematar, com a sua palavra, aquela festa academica, comemorativa do 55.º aniversario da inauguração do Liceu e que o assunto que ia versar se subordinava aos conhecimentos que naquela casa de instrução se ministram, interessando, portanto, todos os assistentes, entre os quaes se viam os paes, tutores e encarregados da educação dos alunos e cuja presença tinha naquele lugar uma altissima significação porque mostrava a compreensão exacta da necessidade do entendimento sincero entre a escola e a familia.

Demonstrou que as conveniencias mais vivas e grandiosas da sociedade eram as que intimamente se prendiam ás gerações novas, e que nessas conveniencias havia como que a solidariedade do futuro que se consubstanciava no presente por via da mocidade. E para atingir esse fim disse que era preciso primeiramente formar o caracter cuja estabilidade depende da educação. Baseou a educação no *nosce te ipsum*, isto é, na sujeição de nós mesmos ao principio da nossa felicidade e depois de desenvolver largamente toda a importancia dessa ideia frizou a sua mais vasta aplicação que determina as tendencias do espirito e procura a legitima opinião das democracias. Debaixo desse ponto de vista, depois de atender as diversas modalidades da democracia em todos os seus lineamentos especiaes, apontou-a á mocidade para que ela a possa considerar como o elemento da edificação do futuro. Considerou ainda a questão da educação como o primeiro dever simultaneo da familia e da sociedade, asseverando que a educação no nosso país era ainda uma obra por fazer. Apelou para os sentimentos da mulher portuguêsa e neles descobriu as providencias necessarias para as beneficas inspirações da moralidade pedagogica.

Não tanto como manifestação organica, mas antes como tendencia final dela, assentou o sistêma da educação publica no sistêma de liberdade, condenando, porém, os desvairados caminhos da força moral do homem que disse que não davam em resultado senão o desvairamento das opiniões.

Dirigindo-se particularmente aos seus alunos, o professor Agostinho de Souza, disse que a aspiração constante deles devia de ser a de lançar a inteligencia que ouve nas rectas vias da verdade, fazendo-a florir conforme os ditames da sua consciencia; e como o sentimento da mocidade está sempre embebido nas aspirações elevadas, disse que a ninguem mais podia oferecer mais grato ensejo de determinar essas tendencias senão aos educadores das gerações, aos professores, aos detentores dos destinos da sociedade.

Fez vêr que naquela mesma casa de instrução, cuja festa inaugural de 1860 se estava a comemorar, a sugestão dominadora do professor se tinha feito sentir tão poderosamente que as posições de destaque que hoje ocupam na sociedade vários filhos desta terra eram devidas a influencia exercida nos seus espiritos pelos seus mestres e que, portanto, era uma divida de gratidão que naquele momento se saldava prestando as homenagens de saudade áqueles que durante 55 anos trabalharam com dedicado interesse pelos progressos do Liceu.

Desenvolveu ainda, com a possivel largueza, a ideia de que a instrução no nosso país se achava embebida de espirito tradicional, que ás gerações presentes cumpria mante-lo integro e defende-lo de todos os contratempos, com todo o entusiasmo febril dos que põem num ideal nobre, a nobilissima aspiração da sua alma. E num arranco de verdadeiro patriotismo, num gesto que nobilita o aprumo da sua crença e dos seus principios, terminou o seu discurso derivando das suas palavras a expressão de um reclamo energico dos nossos estimulos da actividade pela regeneração da nossa Patria pela *Educação* e pelo *Caracter*.

O magistral discurso do inteligente professor—e dizemos magistral porque incontestavelmente o foi—dá logar a uma calorosa manifestação, sendo o sr. Agostinho de Souza felicitado por todos os seus colegas e á saída por alunos e pessoas presentes que dessa maneira lhe quizeram testemunhar o quanto apreciaram a sua eloquentissima oração, que vamos tentar reproduzir no proximo numero do *Democrata*.

As festas terminaram com a inauguração dum quadro no atrio do liceu, onde se acham inscritos os nomes dos alunos que obtivéram a classificação de distintos desde 1910, quadro que foi descerrado pelo presidente da academia, sr. Mario de Albuquerque, após uma pequena alocução do sr. dr. Alvaro de Moura.

Nesse quadro figuram:

José Maria Valente da Fonseca, 1.ª secção, 1910.

Manuel Joaquim dos Santos, 1.ª secção, 1910.

Francisco Ferreira Neves, 2.ª secção, premio de 30$00, 1910.

José Marques da Silva, 2.ª secção, premio de 30$00, 1910.

Mario Correia Teles de Araujo e Albuquerque, 1.ª secção, 1913.

Manuel dos Reis, 1.ª secção 1913.

D. Angelina Ferrer Antunes, 1.ª secção, 1914.

Abrilhantou esta ultima parte do programa a banda do regimento de infanteria 24, executando algumas peças do seu reportorio sob a direcção do maestro, sr. Antonio Alves, depois do que todos se retiraram magnificamente impressionados pela fórma como foi interpretada pela nossa academia a data da inauguração do liceu, por tantos titulos digna ser recordada com jubilo pelos aveirenses.

Para os promotores das festas e ainda para os que nelas tivéram papel de destaque, vão nesta hora os aplausos do *Democrata*, que nelas vê um incentivo a futuras e mais retumbantes comemorações em que toda a cidade colabore.

O Procopio

Dizem-nos de Ilhavo que o bicho peçonhento que provocou a morte, segundo parece, ao D. Ubaldo, atravessando-se-lhe no coração, resurgiu como por encanto e num papel, que é o verdadeiro espelho da alma vil de semelhante lacrau, se bolsam insultos e calunias, as mais tôrpes e indignas, que nem os calcanhares nos atingem, pela proveniencia, tão porcamente foram urdidas no bestunto do dementado escriba.

Confessámos que já esperávamos do *bicho* qualquer manifestação em que exteriorisasse a sorte que a nossa *charge* carnavalesca lhe havia de provocar; mas estávamos muito longe de supor que o poder de invenção do abalisado *patêta*, gloria duma raça... de animaes pouco vulgares, chegasse até ao ponto que chegou. E ainda não será tudo...

O que vale é que estamos já precavidos com uma grande dose de bom humor para receber todas as *amabilidades* com que de vez em quando nos mimosea a fina flôr do jornalismo galégo...

Pobre D. Ubaldo! Que horrorosas dores não havia de ter sofrido, ele que cértamente nunca supoz morrer com um *procopio* atravessado no coração!...

Mas que *bicho!*...

E que infelicidade, a de D. Ubaldo!...

Deus não quiz...

Escusa o evolucionismo de se matar porque quando Deus não quer é porque não quer... Determinou que este ano a *Cinza* não saisse, que os santos da Ordem não arejassem, que se não exibisse nas ruas o que de há muito devia estar banido como coisa dispensavel e sem valor a não ser para os que exploram a crendice popular, e o certo é que venceu sobre todas as ordens das autoridades terrenas. Nem admira. Se Deus creou o mundo, Deus hade ser sempre o *grande* e o *omnipotente*, como no-lo teve o arrojo de mostrar, em tempos, uma sopeira das nossas intimas relações em estilo que se não é digno de figurar entre os melhores autografos da Torre do Tombo, pelo menos merecia um logar de destaque junto das mentiras e das asneiras inventadas com o fim manifesto de crear churudas conesias á custa délas.

E é para o que serve hoje a Egreja: para com éla explorarem, não só os que trazem na cabeça o sinal da seita a que pertencem, mas tambem os politicos armados em procuradores da crença alheia.

Por isso Deus os seringa...

Notas mundanas

Faz ámanhã anos o pequenino Oscar, filho do nosso querido amigo e conterraneo, Francisco Vieira da Costa, ausente em Africa.

Muitos parabens.

= Estivéram nésta cidade os srs. dr. Gomes Estima e Alexandre Coelho, de Agueda; Marcelino Fernandes Branquinho, de Eirol; Joaquim Simões dos Reis e Manuel dos Reis, da Taipa; Manuel Caetano, de Malhapão; Rocha Martins, de Verdemilho e Manuel dos Santos Silvestre, de Nariz.

ORFEON ACADEMICO

E' esperado no dia 6 de Março nésta cidade onde efectuará, á noite, um sarau no teatro e na tarde de 7 uma *matinée*, o Orfeon Academico de Coimbra que não é a primeira vez que nos visita, sendo apreciado pelos aveirenses com o louvor que merece todas as boas iniciativas da academia coimbrã.

Para tratarem dos preparativos da viagem estivéram já aqui no principio da semana os srs. Antonio Sampaio Maia, delegado do Orfeon e Horacio Batista de Carvalho, da Associação Academica, que nos déram a honra dos seus cumprimentos, retirando depois de terem definitivamente assentado com os colégas do liceu na vinda do simpatico grupo nos dias indicados.

Sinal de alarme

Pelas 13 1|2 horas de segunda-feira déram as torres da cidade alarme chamando os socorros dos bombeiros para os lados de Sá onde num casebre da ilha do Vagueiro se havia manifestado incendio, felizmente sem consequencias.

Compareceram as duas corporações de bombeiros e bastante povo, mas não houve motivo para a utilisação dos seus serviços visto o fogo ter sido imediatamente extinto pelos locatarios da casa.

Fantasia morta

"O Rocambole,,

—(*)—

Transformado em "film", é a materialisação da obra de Terrail

Sir Williams, mudo e cego, era ainda a alma danada de Rocambole, o instrumento inconsciente da sua vingança. Pepita Salandrera, a hespanhola de deslumbradora formosura, filha dum grande de Hespanha e descendente da mais autentica nobreza castelhana, deixa-se caír na rede que o aventureiro de genio lançára á sua beleza e á sua ingenua mocidade. Bacarat aparece a tempo, desconfia da intriga, vê em tudo o que se passava o dedo do gigante Williams e, opondo astucia á astucia, luta, investiga, intriga, desvenda misterios que a principio pareciam impenetraveis e consegue deitar por terra o castelo de ignominias que dois miseraveis bandidos haviam arquitetado para perder a descendente de esplendida formosura que o acaso pozéra um dia defronte do homem fatal que ao tempo se chamava marquez de Chamery.

Este é um dos mais interessantes episodios da obra prima de Terrail.

A fantasia do autor de tantas obras primas, que são hoje verdadeiros modelos classicos da chamada literatura de acção, atinge nas **Proezas de Rocambole** proporções desusadas. Toda a obra é, de resto, uma série ininterrupta de cênas empolgantes, que nos deixam deslumbrados e por vezes nos dão a impressão da duvida perante os prodigios de imaginação que representam. Pois quê? Seria possivel que alguem tivésse alguma vez concebido maravilhas taes?

O *Rocambole* é, decérto, dos livros que maior soma de leitores tem tido.

Foi a *Presse* que o publicou pela primeira vez em folhetins. Terrail creou nésse jornal parisiense, ha cincoenta e tantos anos, toda a galeria imortal das figuras que entram nêssa obra colossal. Traduzido em todas as linguas cultas, poucos são os que, tendo habitos de leitura, não hajam alguma vez devorado os noventa e tantos volumes de que a obra consta.

Alguma coisa, porém, faltava ao *Rocambole*. Era preciso materialisar as personagens, dar-lhes vida, imprimindo-lhes existencia real e movimento. Tratou-se, pois, de representar o *Rocambole*, de o transformar numa grande peça em que as figuras principaes se movessem e exteriorizassem sem constrangimentos os seus afectos, os seus odios e as suas paixões. Como levar a cabo a tentativa? E' aqui que ao genio de Terrail se junta, para o completar, o genio do **cinêma.** O *Rocambole*, transformado em grande *film* vai ser passado pelo *ecraim* do Teatro Aveirense. A'manhã serão passadas, em qualquer das sessões, a 1.ª e 2.ª série, e no domingo a 3.ª.

Devido ao custo excessivo désta monumental pelicula, a Empreza é obrigada a subir 4 centavos no preço habitual das entradas.

ROUBO

Ha dias chegára a esta cidade para serviço da Capitanía do porto, um marinheiro da armada que trazia comsigo uma centena de escudos, em notas, produto de largo tempo de rigorosas economias de toda a especie. Guardada a importancia no cofre da respectiva repartição, alguem fez vêr ao possuidor da *massa* que o melhor seria pol-a a render em qualquer casa ou Banco que a recebesse. Aceite o conselho, foi o dinheiro de novo para a mão do dono que, enquanto não acertou no destino a dar-lhe, o guardou numa das lanchas de fiscalisação que se acham na pequena doca-barracão, junto ao matadouro. O 1.º marinheiro n.º 5398, Jaime José Fõrnandes, conhecedor do caso e do logar onde estava arrecadado o dinheiro, aproveitou a ausencia da sentinela—o 1.º grumete Sabino Ferreira—e introduzindo-se no referido barracão, apossou-se das notas, lançando á ria as armas que estavam nas lanchas assim como a manivela que provoca o andamento dos motores, afim de ao darem pelo roubo se persuadissem que ele tivésse sido cometido por pessoas estranhas e especialmente pescadores, naturaes inimigos da fiscalisação que aqueles barcos exercem na ria. Surpreendido, porém, o larapio dentro do barracão, pelo seu colége, o 2.º marinheiro Domingos de Oliveira, e conhecido o furto, foi logo apontado como o seu autor, tendo sido já encontrada quasi a totalidade da importancia em casa da mulher do presumido culpado para quem este a enviara em carta registada.

O criminoso, apezar da sua persistente negativa, ainda que defrontado com as provas mais esmagadoras, está preso no calabouço do quartel de infanteria até que se conclua o auto que lhe está sendo levantado.

BENEMERENCIA

Por iniciativa do nosso amigo Filinto Feio, que, a pedido do sr. governador civil, ainda está exercendo as funções de administrador do concelho, foi distribuida na terça-feira a quantia de 50$00, saída dos cofres da beneficencia, pelas familias dos pescadores mais necessitados e a quem o regulamento da Capitanía do porto proíbe a pesca na ria com aparelhos que não estejam nas condições.

A' distribuição assistiram o regedor da freguezia da Vera-Cruz, sr. Antonio Vilar e o incançavel amigo da classe, sr. Manuel Paula Graça.

CORRESPONDENCIAS

Pará, 6

A festa que a comissão de compatriotas nossos, socios do *Centro Republicano Português* levou a efeito na noite de 24 de Janeiro no Teatro da Paz a favor da Cruz Vermelha Portuguêsa, esteve muitissimo concorrida, não só do que ha de mais distinto na colonia, como de um elevado numero de familias brazileiras.

A enchente foi completa, apezar do estado decadente em que o o Brazil se encontra.

A *Ceia dos Cardiaes*, agradou por completo e a orquestra da *Tuna Luzo Caixeiral* foi muito aplaudida assim como todos os amadores que, gratuitamente, ofereceram os seus trabalhos á comissão.

Calcula-se em cêrca de 4 contos de reis o produto do espectaculo.

E' digno dos maiores elogios o acto humanitario que acaba de ser praticado pela colonia a favor daquêles que estão lutando, em Africa, pela independencia de Portugal contra a selvageria alemã.

=As noticias telegraficas que nos têm chegado a respeito da organisação do novo ministério português, tem produzido má impressão não agradando geralmente.

Pelo que se observa, os destinos da Republica vão passando gradualmente para as mãos dos monarquistas, e isso incontestavelmente não se póde admitir.

Até quando durarão éssas dissidencias entre os republicanos? Não é tempo de acabarem para honra de Portugal?

=Chegou aqui no dia 24 de Janeiro ultimo, a bordo do *Lanfranc* o sr. Manuel José da Silva Cativo, natural de Veiros, que vem desempenhar o cargo de contramestre da alfaiataria *Guerra Junqueiro*, sem duvida uma das mais importantes e acreditadas casas nêste genero, e da qual faz parte egualmente o cidadão Francisco da Silva Castro.

=Chegou tambem no mesmo vapor o sr. Manuel Francisco Tavares, natural de Cacia, que veio a negocios das suas casas comerciaes.

=Realizou-se no dia 26 do mez ultimo a eleição para a nova directoria da *Liga Portugueza de Repatriação*, para o ano corrente,

tendo sido eleitos os seguintes cidadãos:

Assembleia geral

Presidente, dr. Emilio Corrêa Amaral; *1.º secretário*, Anibal Barros; *2.º secretário*, J. J. Ferreira Godinho.

Conselho fiscal

Efectivos, dr. Eduardo Reis, Manuel Valente Portovedro Junior e José de Rezende Rego.

Suplentes, Alvaro Loureiro, Antonio Vieira Gonçalves de Freitas e Americo Nicolau da Costa.

Directoria

Presidente, Amadeu F. Barbebo; *vice-presidente*, Bernardo Sá; *tesoureiro*, Albino Soares Vilhena; *1.º secretário*, J. Marinho Portela; *2.º secretário*, Elidio Felipe Dias.

Suplentes, Antonio Guimarães Lima, José Fuzeira, Lourenço Martins Jorge, Manuel Marques Ferreira e Placido Felipe Ribeiro.

Tomaram posse no dia 28 do referido mez.

Pelo relatorio apresentado pela Directoria cessante, verificou-se que o numero de repatriações durante o ano de 1914, foi de 106 indigentes, cuja despeza importou em 15 contos. Houve um pequeno saldo de 424$000 reis, achando-se ainda á espera de vez para serem repatriadas 26 pessoas doentes e sem recursos.

Em menos de 3 anos, esta benemerita associação repatriou 352 pessoas.

=Ultimamente, devido ao aumento de impostos lançados pelo govêrno Estadoal e pela Intendencia, tem fechado grande numero de casas comerciaes, pois não só esse aumento, como a grande crise que a todos aflige assim o determina. O Estado do Pará vai deixando tristes recordações aos seus habitantes visto que a fome já se faz sentir no seio de muitas familias.

=Partiu no dia 5 do corrente para Manáus o sr. J. Brandão Paes, que tinha vindo em comissão do govêrno português para inspeccionar os consulados.

Oxalá sua ex.ª encontre o consulado que agora vai vêr em condições lisongeiras, porque, quanto a este, dizem as más linguas que está um tanto ou quanto doente...

Será cérto?

C.

Idem, 6

Aos Portuguêses

A nós, portuguêses, incumbe a defêsa da nossa Patria.

Os nossos companheiros de armas já terão, nas possessões africanas, cumprido o seu dever, sem desmentirem a sua fé patriotica, pois jàmais o soldado luzitano soube ser cobarde ou traidor.

Quando eu vejo partir irmãos meus para o campo da batalha, o meu coração pulsa, a minha alma compartilha tanto das suas glorias como das suas amarguras.

No norte, quando das incursões dos traidores refugiados na Hespanha, cuja ofensa ficou gravada nos corações dos portuguêses de senso e amigos da Republica, eu pude avaliar todo o patriotismo dos soldados, a sua bravura.

Por isso, portuguêses: é preciso mais uma vez mostrar que ainda corre nas nossas veias o mesmo sangue que venceu Ourique, Val-de-Vez e outras batalhas que se escrevem na historia com letras de ouro!

Eu, que estou longe, depressa, se fôr necessario, o meu auxilio irei levar tambem porque sei que vou defender a libertação de povos pequenos e do nosso grande Portugal, a civilisação, a honra da Europa.

Viva o Exercito!
Viva a Marinha!
Viva a Republica Portuguêsa!

A. da Silva Castro

Rio Grande do Sul, 24 de Janeiro

Continua a grassar aqui com grande intensidade a *variola*, esse terrivel mal que tantas victimas tem causado.

=A' hora que escrevo, a trovoada é medonha, o fuzilar do relampago é constante e parte da cidade encontra-se inundada.

=O cambio fechou hoje a 290.

Guilherme Francisco Luiso

N. da R.—Porque uma grande parte da correspondencia do nosso amigo G. Francisco Luiso relativa a assuntos politicos, perdeu a oportunidade, apenas déla destacâmos as ultimas noticias que são sempre bem recebidas neste jornal.

Aproveitâmos o ensejo de garantir ao presado compatriota que o *Democrata* lhe tem sido enviado com a maxima regularidade e que se faltas ha, como nos diz na sua carta, ao correio e só a ele as deve atribuir.

Anuncios

REGIMENTO DE CAVALARIA N.º 8

ANUNCIO

O Conselho Administrativo faz publico que no dia 10 de Março proximo futuro, pelas 12 horas, se procederá á arrematação em hasta publica das rações de forragens a verde para os solipedes do regimento e adidos, pelo espaço de vinte dias, a começar quando o Conselho Administrativo o determinar.

As propostas feitas em papel selado da taxa de dez centavos segundo o modêlo do caderno de encargos, serão apresentadas ao Conselho Administrativo, até á hora da abertura da praça, em envelopes fechados e lacrados e serão acompanhadas da quantia de vinte escudos como caução provisoria.

O caderno de encargos está patente todos os dias uteis, desde as 11 ás 15 horas, na secretaria do Conselho Administrativo deste regimento, onde poderá ser examinado e onde serão dados os demais esclarecimentos precisos.

Quartel em Aveiro, 23 de Fevereiro de 1915.

O secretário tesoureiro,

Carlos Gomes Teixeira

Tenente da Adm. Militar

ACÇÃO DE DIVORCIO

Pelo Juizo de Direito desta comarca de Aveiro e cartorio do escrivão do 4.º oficio—Flamengo, correu seus termos uma acção de separação de pessoas e bens, em que foi autora Henriqueta Chocha Nunes do Couto, casada, do logar da Lagôa, freguezia de Ilhavo, desta comarca, e réu seu marido José Domingos Largo Imaginario Junior, proprietario, da mesma freguezia e actualmente residente na Vista-Alegre. Nesta acção, foi requerida pelo réu a conversão em divorcio da referida separação de pessoas e bens, a qual conversão foi julgada por sentença de 2 do corrente, que transitou em julgado.

O que se anuncia para os efeitos legais, nos termos do artigo 16 do Decreto de 3 de Novembro de 1910.

Aveiro, 29 de Janeiro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito,

Regalão

O escrivão do 4.º oficio,

João Luís Flamengo.

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

ACÇÃO DE DIVORCIO

Por o Juizo de Direito desta comarca e cartorio do 4.º oficio correu seus termos uma acção de divorcio intentada por João Ferreira Solha, casado, trabalhador, morador no logar das Ribas, concelho de Ilhavo, contra a mulher Custodia de Jesus Godinha, domestica, residente em parte incerta da Republica dos Estados-Unidos do Brazil. E nesta acção, por sentença de 23 de Janeiro proximo findo, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio entre os conjuges.

O que se anuncia nos termos e para os efeitos legais.

Aveiro, 18 de Fevereiro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 4.º oficio,

João Luís Flamengo

Editos de 30 dias

(1.ª publicação)

Por o Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão do 4.º oficio—Flamengo—nos autos de inventario orfanologico a que se procede por falecimento de José Simões Fragoso, casado, que foi morador no logar da Coutada, freguezia de Ilhavo, desta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Maria Joaquina, viuva do falecido, do mesmo logar, correm editos de trinta dias a contar da 2.ª e ultima publicação deste no *Diario do Governo*, chamando e citando os interessados Manuel Simões Fragoso, filho do inventariado, ausente em parte incerta da California, casado com Maria Antoninha, e Manuel Ferreira da Cruz, ausente em parte incerta do Brazil, genro do inventariado, casado com a filha Maria Joaquina, ambos para assistirem a todos os termos até final do mencionado inventario, deduzindo nele a oposição ou impugnação que tiverem, nos termos dos artigos 697, 698 e 699 do Codigo do Processo Civil e constituindo procurador ou escolhendo domicilio na séde da comarca, sob pena de revelia.

As audiencias neste Juizo fazem-se todas as segundas e quintas feiras de cada semana, não sendo taes dias feriados, porque, sendo-o, se fazem nos imediatos, quando desimpedidos, sempre por dez horas, no Tribunal Judicial desta comarca, sito na Praça da Republica, desta cidade.

Pelo presente são tambem citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem interessadas no mencionado inventario, para deduzirem nele os seus direitos, nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 22 de Janeiro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 4.º oficio

João Luiz Flamengo.

Editos de 30 dias

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Por este Juizo e cartorio do 4.º oficio, no inventario orfanologico por obito de Antonio Euzebio Pereira, que foi de Cacia, e em que é inventariante a sua viuva Luiza Duarte Pereira, do mesmo logar, correm editos de trinta (30) dias a contar da 2.ª publicação dêste no respectivo jornal, chamando e citando os interessados Manuel Maria Euzebio Pereira e seus filhos menores puberes Cipriano, Antonio e Joaquim, todos ausentes em parte incerta do Pará (Brazil) para assistirem a todos os termos até final do mencionado inventario e nêle deduzirem os seus direitos nos termos da lei, sob pena de revelia.

Pelo presente são tambem citadas todas e quaisquer pessoas incertas que se julguem interessadas no mesmo inventario, para nêle deduzirem os seus direitos, nos termos da lei.

Aveiro, 25 de Janeiro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo

Capitania do porto de Aveiro

Anuncio

O Conselho Administrativo da Capitania do porto de Aveiro faz saber que no dia 16 de Março proximo, pelas 13 horas, no edificio da Capitania do porto, se procederá á arrematação em hasta publica, do moliço arrolado á borda da Mata de S. Jacinto e do produzido na praia anexa, vigorando o respectivo contrato de 31 de Março de 1915 a 31 de Março de 1916.

As condições do contrato estão patentes no edificio da Capitania do porto, em todos os dias uteis, das 10 ás 16 horas.

Capitania do porto de Aveiro, 24 de Fevereiro de 1915.

O Presidente do Conselho Administrativo

(a) *Jaime Afreixo*

Montepio Nacional

Associação de Socorros Mutuos

Rua dos Correeiros, 70

LISBOA

Os trabalhos iniciados na reunião da assembleia geral de 18 do corrente acham-se suspensos, devendo proseguirem no proximo dia 4 de Março, pelas 20 1/2 horas, na séde do nosso Montepio.

Os socios que desejarem enviar quaesquer alvitres ou propostas ácerca da reforma dos estatutos que está pendente deverão fazer a respectiva remessa no prazo de oito dias a contar da data deste, para a mesma séde.

Lisboa, 20 de Fevereiro de 1915.

O Presidente da Assembleia Geral,

João Eduardo Pessoa Lopes.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.